INSTITUTO CATÓLICO DE ESTUDOS SUPERIORES DO PIAUÍ

Acélio Pessoa Vale

INTERESSE E ESFORÇO NA FILOSOFIA DE JOHN DEWEY

Teresina

2016

ACÉLIO PESSOA VALE

INTERESSE E ESFORÇO NA FILOSOFIA DE JOHN DEWEY

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para a obtenção do grau de Licenciado em Filosofia, no Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí (ICESPI).

Orientadora: Profª. Ma. Elenir Figueiredo

Cod. 584
100
V149i
Ex. 01

Teresina

2016

ICESPI - Biblioteca
13069 09/10/19

Acélio Pessoa Vale

INTERESSE E ESFORÇO NA FILOSOFIA DE JOHN DEWEY

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para a obtenção do grau de licenciado em Filosofia, no Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí (ICESPI).

Orientadora: Profª. Ma. Elenir Figueiredo

Aprovado em ____/____/_____

Banca Examinadora:

_____

Profª. Ma. Elenir Figueiredo (ICESPI)

Orientadora

_____

1° Leitor

_____

2° Leitor

Dedico esta monografia a toda minha família em especial a minha mãe, Maria de Lourdes Pessoa, às minhas irmãs, e à Província São Francisco das Chagas do Ceará e Piauí e ao confrade Frei Paulo Roberto Moreira que muito ajudou na minha caminhada, e aos meus amigos que sempre me incentivaram.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao bom Deus por ter me concedido inúmeras graças;

À Nossa Senhora Aparecida que em momento algum me desemparou;

À minha família: a minha mãe Maria de Lourdes e as minhas irmãs, Jucélia, Aysla e Histeyla, Meus agradecimentos;

À minha orientadora, Profª. Ma. Elenir Cardoso Figueiredo;

Agradeço ao Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí, pela oportunidade de formação intelectual e cristã.

A todos os meus amigos e colegas que de alguma forma contribuíram para eu chegar até aqui, meu muito obrigado!

"Eu me educo através de minhas experiências vividas inteligentemente".

John Dewey

RESUMO

O trabalho aqui apresentado foi baseado no livro "Vida e educação" de John Dewey, obra traduzida por Anízio Teixeira no Brasil. O estudo tem por finalidade expor a teoria de educação de Dewey, especificamente através dos conceitos de interesse e esforço, bem como caracterizar a concepção de educação enquanto experiência e suas práticas na vida educacional e no aprendizado dos alunos. A pesquisa sobre interesse e esforço no pensamento de Dewey foi realizada mediante os seguintes recursos metodológicos: reunião bibliográfica acerca do tema, leitura de monografias, pesquisas de artigos científicos e revistas eletrônicas. O filósofo e educador vendo o sistema educacional da sua época buscou teorias e práticas educacionais que tivessem não o professor como centro, mas o aluno e que esse aluno fosse capaz de interagir tanto na escola como no meio social. Esta filosofia da educação defende uma educação como vida e não algo separada da vida, também defende que a escola deve ver a realidade da comunidade na qual está inserida, deve existir uma relação de interesse entre o que aluno aprende e o processo de aprendizado.

Palavras-chave: Dewey, educação, Filosofia, interesse, esforço, ensino, pragmatismo.

ABSTRACT

Il lavoro qui presentato sulla base del libro "La vita e l'educazione" di John Dewey tradotto da Anízio Teixeira ha lo scopo di esporre la sua particolare teoria educativa attraverso l'interesse e lo sforzo e caratterizzare una formazione sull'esperienza come indicato dall'autore John Dewey e le sue pratiche nel arco della vita dello studente. La ricerca sugli interessi e lo sforzo nel pensare di Dewey è stata effettuata utilizzando le seguenti risorse metodologiche: ricerca bibliografica sull'argomento, schede di lettura, saggi di ricerca e riviste elettroniche. Il filosofo ed educatore vide il sistema educativo del suo tempo e ha cercato teorie e pratiche educative che non hanno l'insegnante come il centro, ma lo studente e che lo studente sarebbe in grado di interagire sia a scuola sicome nell'ambiente sociale. Evocando l'educazine come la vita e non qualcosa di separato dalla vita, sostiene che la scuola deve vedere la realtà della comunità in cui opera, e che ci deve esistere un rapporto di interesse tra lo studente che sta per imparare e il processo di apprendimento.

Parole chiavi: Dewey, l'educazione, la filosofia, l'interesse, lo sforzo, l'educazione, il pragmatismo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 9
1. A EDUCAÇÃO NO PENSAMENTO DE DEWEY 11
1.1 Interesse 14
1.2 Esforço 17
2. QUAL É A PROPOSTA OU TEORIA QUE JOHN DEWEY FORMULA PARA EDUCAÇÃO? 21
2.1 A influência da escola nova no Brasil 23
2.2 O pragmatismo na educação de John Dewey 27
2.3 Caracterizar o pensamento de John Dewey no sistema educacional e suas práticas 31
3. CONCLUSÃO 34
REFERÊNCIAS 36

INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata de duas categorias da teoria deweyana que buscam compreender a melhor maneira que o aluno tem para aprender: o esforço e o interesse. Considerando o ser humano enquanto um ser capaz apreender conhecimentos através do esforço e do interesse, o filósofo John Dewey (1859-1952), desenvolveu sua teoria da aprendizagem através destas duas noções. Dewey revelou que o processo de aprendizagem requer motivações para o desenvolvimento do esforço enquanto estratégias cognitivas. O trabalho educativo envolve os erros e acertos no domínio da aquisição de conhecimentos, o caráter falibilista do conhecimento não implica algo que deva ser desprezado. A dúvida é, se a melhor forma de aprendizado é o esforço ou interesse, e como surge cada uma delas na nossa vida. Dentro desse trabalho iremos nos deter no tema *interesse* e *esforço* na filosofia Deweyana, de modo particular nos adentrar na reflexão filosófica de uma educação em transformação.

Vale salientar que o principal objeto de estudo é o indivíduo e sua forma de chegar a uma compreensão de educação. Um dos pontos já citados é o interesse. Dewey alega que a criança que é pressionada a fazer determinada tarefa, a faz porque lhe é exigido, mas não de bom grado, pois não é do seu real *interesse*. A criança não está voltada para a tarefa porque não é algo que chama a sua atenção. Ela não se sente motivada psicologicamente, é como se ela estivesse dividida em dois mundos, físico e metafísico, portanto a realização de tais funções seria considerada como medo ou esperança de recompensa. No entanto, *esforço* parte de uma resistência que o aluno tem em aprender determinados assuntos, e esse por sua vez deve se esforçar para chegar a um fim, mesmo que não seja do seu interesse.

Compete aqui perguntar-se que tipo de transformações podem ser percebidas na educação segundo a filosofia de John Dewey, baseado no interesse e no esforço. Ao longo deste texto, observaremos as ideias que serão divididas em dois capítulos, cujo o primeiro tratará de uma visão filosófica acerca da educação e o conceito de interesse e esforço, baseado não só em John Dewey, mas também em outros pensadores que, de uma forma ou de outra, comentaram o tema; no segundo capitulo será abordada a proposta ou teoria que Dewey formula para a educação, ele que muito contribuiu para a pedagogia no Brasil. Em um dos tópicos será abordado o pragmatismo e o ultimo caracterizar o pensamento de Dewey na educação e suas práticas. Ressaltamos que a principal obra a ser utilizada para o devido tema a ser tratado é "Vida e Educação" traduzida por Anízio Teixeira (1900-1971) na coleção "Os Pensadores". No entanto, outros trabalhos de investigação serão utilizados para o desenvolvimento do trabalho monográfico.

Para a realização dessa pesquisa foram feitas um levantamento bibliográfico acerca do filósofo e sua forma de pensar a educação. Também estruturamos o trabalho além das divisões de capítulos, elas estão de acordo com as normas da ABNT, e do instituto católico de ensino superior do Piauí- ICESPI.

Abordar esse tema justifica-se pelo fato de reconhecer a importância que o filósofo John Dewey teve para a educação, não só no Brasil, mas também no mundo, principalmente nas escolas da atualidade. Valorizar a pedagogia de Dewey em relação à educação formal e informal, trazendo uma visão diferenciada da pedagogia liberal e tecnicista, além de enfatizar a pessoa e suas formas de conhecimento, saindo do sistema tradicional, apesar de este também ter o seu valor. Outro objetivo do trabalho é o de mostrar a reflexão que Dewey traz sobre *interesse e esforço* e a importância que cada conceito tem na vida educacional e social do sujeito e, por fim, a transformação existente no indivíduo a partir dessas formas de conhecimento.

1. A EDUCAÇÃO NO PENSAMENTO DE DEWEY

Dewey vê uma educação a partir da experiência, educação essa que é continuada e que tem o pensamento ligado com a prática. Essa união de experiência e pensamento é o que faz surgir uma educação bem desenvolvida, sempre crescente, não só no sentido fisiológico, mas em outros aspectos, como o espiritual e o humano. A experiência traz um significado maior para a vida educacional do ser humano. Um ponto importante que Dewey aponta é que a educação não é algo separado da vida, não existe um mundo da educação e um outro para receber o resultado dessa educação, mas educação e vida caminham juntas. A educação é uma forma de reorganizar sua vida em fases diferentes. Dewey tem uma visão bem ampla de educação, não a limita apenas em fases iniciais e finais, mas se baseia na subsistência do ser humano ao longo da sua permanência aqui na terra e que as experiências vividas em fases são aproveitadas ao longo da sua existência.

> Enquanto vivo, eu não me estou, obtendo o resultado dessa educação. Eu me educo através de minhas experiências vividas, inteligentemente. Existe, sem dúvida, decurso de tempo em cada experiência, mas assim as primeiras fases como as últimas do processo educativo, têm todas igual importância, e todas colaboram para que eu me instrua e me eduque (DEWEY, 1985, p. 116).

Vale salientar que a educação é uma necessidade para vida social do ser humano e que é bom considerar que experiências de vida são transmitidas e ensinadas através gerações de pessoas que já vivenciaram determinados fatos, inclusive costumes, valores e que, sem essa transmissão, não podemos chegar a lugar algum (DEWEY, 1985, p. 117).

No entanto é bom lembrar que essa transmissão de valores e costumes educativos é feita através, não só da vivência física em grupos, mas de uma linguagem informativa. Para isso é necessário haver um agente que comunica e um agente que recebe a informação. Ambos terão novas experiências de vida educativa. A vida social se constitui na liberdade de ensinar e aprender, pois é isso que forma a vida comum do homem (DEWEY, 1985, p. 118).

É de se observar que Dewey valoriza a educação, em especial na infância, buscando assim o equilíbrio da educação tácita e não formal da vida e a educação recebida diretamente da escola. Ele não as separa, pois vê nas escolas a oportunidade de um ensino em que a criança possa ser preparada para a vida, não uma escola "conteudista", mas um ensino baseado em fatos vivenciados na realidade pela sociedade (DEWEY, 1985, p.119).

"A escola não pode ser concebida como uma ilha, isolada do restante do todo social" (ROCHA, 2011, p.43). Ou seja, a escola necessita expressar para o aluno o contexto histórico no qual está inserida dando uma educação preparatória para a vida em todos os sentidos, sejam

negativos ou positivos, independente da sua camada social e salientando que a criança faz parte daquele meio no qual a escola está incluída.

Falando em classe social, Dewey propõe a democratização nas escolas, que não deve ser um privilégio só de alguns. Nesse sentido defende a escola pública e universidades comunitárias, desde que a criança e o jovem não percam os seguimentos e aprendizados populares. O papel da escola seria aprimorar seus conhecimentos já existentes, sejam eles científicos ou culturais. Ela não teria a divisão que as escolas tradicionais faziam, onde a elite tinha um ensino acadêmico enquanto as classes menos favorecidas tinham apenas o ensino profissional e que, na maioria das vezes ainda era limitada, continuando assim a desigualdade social. No pensamento Deweyano a democratização tem um fundamento muito importante, e essa democratização acontece com a renovação cultural que será alcançada através da educação (ARANHA, 2006, p.229).

Para Dewey a ação faz parte da vida do homem, é próprio do ser humano ser um ser que age e, consequentemente, através da sua ação também é um ser pensante. Tanto a ação como o pensamento enriquecem o homem de conhecimentos, logo percebe uma união entre ação, pensamento, e conhecimento. Lembrando que para Dewey a teoria é um resultado da prática, resultando que a prática é um instrumento de ensino para a vida, inclusive a vida social. Daí podemos perceber, no pensamento de Dewey, que a ação tem um valor moral e cooperativo na qual o homem supre as necessidades de uma vida comunitária e até mesmo psíquica.

O homem é um ser que trabalha, que age e é movido por essa ação, portanto a educação deve estar ligada a esse processo da vida humana. Por exemplo, a criança por natureza é ativa e a escola deve aproveitar esse comportamento para lhe ensinar a partir de uma experiência, fazendo com que ela, através da prática, chegue a um conhecimento, ou seja, a escola não deve dar um conhecimento acabado, antes deve valorizar a busca de um saber através da inquietude. Surge a oportunidade da criança ter um aprendizado a partir da sua ação, sendo motivada a fazer uma reflexão das causas e efeitos da sua atitude. Vale salientar que é de suma importância a atividade mental da criança que pode vir acompanhada de um agir físico ou não. (HAIDT, 2003, p. 21-22)

Podemos assim fazer uma reflexão filosófica acerca da educação, afinal filosofia e educação devem estar juntas, pois os problemas comuns existentes necessitam e muito de uma interpretação filosófica dentro do processo educacional.

> Está ai a grande intimidade entre a filosofia e a educação. "Se educação é o processo pelo qual se formam as disposições essenciais do homem - emocionais e intelectuais - para com a natureza e para com os demais homens, filosofia pode ser definida como a teoria da educação" (DEWEY, 1967, p. 147).

A tradução de filosofia nada mais é do que educação, por isso a educação só é digna de ser chamada assim quando esta vem acompanhada de uma visão filosófica, pelo simples fato de que quando falamos de formação, problemas de hábitos mentais e morais é dela que estamos falando. Basta ter conhecimento de que ao investigar valores mentais e morais estamos tendo uma reflexão filosófica.

Podemos dizer que a filosofia da educação, transmitida em um ambiente ou escola tradicional, pode criar um certo estranhamento com a escola ou ambiente progressivo, onde a educação pode ser transmitida de dentro para fora ou de fora para dentro. Podemos valorizar a capacidade de aprendizado do aluno a partir de sua maneira de ser ou apenas impor conhecimento do passado, fazendo com que o aluno apenas reproduza aquilo que aconteceu numa sociedade bem anterior a ele, com pouca ou nenhuma reflexão. O aluno teria, portanto, um conhecimento igual ao de todos.

Ensinamentos filosóficos baseados na imposição podem simplesmente reproduzir regras, padrões e hábitos do passado, inclusive o comportamento entre os próprios alunos e a sua relação com os professores. A criança tem os mesmos hábitos, seja na escola ou em casa, como cumprir regras e obedecer os pais. Diferente de outras instituições, a escola tradicional reproduz o seio familiar, onde o professor detém todo conhecimento e normas.

É perceptível o esquema tradicional de impor padrões, matérias e estudos. Os adultos impõem certas regras às crianças e adolescente que ainda estão em fase de desenvolvimento. Existe uma diferença muito grande entre a experiência de um adulto e a de uma pessoa que está em pleno desenvolvimento psíquico e fisiológico. Nesse período os métodos para se chegar a um conhecimento devem causar certa estranheza na criança e no adolescente.

> Mesmo nesses casos, o abismo entre o saber amadurecido e acabado do adulto e a experiência e capacidade do jovem é tão amplo, que a própria situação criada impede qualquer participação ativa dos alunos no desenvolvimento do que é ensinado. A eles cabe lidar e aprender, como a missão dos seiscentos foi de lutar e morrer. Aprender significa adquirir o que já está incorporado aos livros e a mente dos mais velhos. (DEWEY, 1979, p. 6)

Percebe-se que no ensino tradicional compete ao aluno absorver o que lhe é passado sem oportunidade de ter uma participação ativa. Cabe a ele apenas incorporar conhecimentos que estão escritos na vida dos mais velhos ou em livros, sem uma reflexão própria ou até mesmo uma troca de experiência que dê liberdade de expressar seus sentimentos e pensamentos, respeitando sua forma de adquirir conhecimento. Esse processo deve acontecer não através da imposição, mas de uma maneira onde exista espaço onde o aluno possa transmitir aquilo que ele aprendeu com sua vivência em casa ou na escola.

1.1 Interesse

Foi Herbart[1] que sistematizou o termo *interesse* para discuti-lo dentro da área da educação, dando inclusive a diferença entre *interesse* e desejo. "Além do mais se distingue do desejo porque, enquanto o objeto deste último ainda não existe, o objeto do *interesse* já está presente e real" (ABBAGNANO, 1982, p. 550). Nosso foco, no entanto, é saber o que é *interesse* no pensamento filosófico de John Dewey, que é, certamente, um dos mais influentes pensadores na área da educação contemporânea.

Dewey posicionou-se a favor do conceito de Escola Nova[2], na qual o aluno deveria ter a iniciativa, originalidade e agir de forma cooperativa. Ele alega que no conhecimento adquirido pelo *interesse* existem dois períodos de suma importância para o aluno: o período iniciante e o período a ser completado. No período iniciante é o aluno que se coloca à disposição para aprender o que lhe é proposto. Já o professor fica no papel de completar o conhecimento do aluno. Nisso se entende que também existem os meios para se chegar a uma maior e melhor compreensão, como a superação, a aplicabilidade, as práticas e os instrumentos teóricos.

A melhor definição de *interesse* que Dewey apresenta é, que, é algo inato, já existente no ser humano, que é o que acompanha a identificação do "eu". Se já existe esse *interesse*, ele precisa ser colocado em prática, porque todo *interesse* prende-se a um objetivo, neste caso o objetivo é apenas o sujeito a realizar algo já existente na sua mentalidade e o *interesse* está integrado ao objetivo (ROSA, 2010, p. 3).

O *interesse* também expressa o emocional quando fazemos um julgamento de valor de um objeto, ele passa a nos interessar quando passamos a dar uma importância maior para ele. Há certos interesses que são movidos pelo impulso, como a disciplina, que pode ser uma atividade que antes não interessava, mas que passou a ser importante indiretamente. Algo que antes não era observado passou a chamar a atenção e a ter, então, um valor a partir de um novo julgamento (DEWEY, 1985, p. 161).

É bom lembrar que para chegar a uma realização do seu *interesse* há certos critérios. Por exemplo, um aluno que quer se formar precisa estudar certas disciplinas que para ele não são nada interessantes. Porém, com o objetivo de concluir o curso, ele transfere essa vontade durante todo o

---

[1] Filósofo alemão do século XIX que inaugurou a análise sistemática da educação e mostrou a importância da psicologia na teorização do ensino.

[2] Escola Nova foi um esforço de renovação educacional. Esse movimento tinha por base os estudos realizados pelas ciências do comportamento que vinham se afirmando no ideário pedagógico mundial.

percurso da sua formação até atingir o seu objetivo, ou seja, percurso e objetivo tornaram-se um só (DEWEY, 1985, p. 163).

Para dar uma ênfase maior na definição de *interesse,* Dewey defende que o *interesse* verdadeiro tem como possibilidade o crescimento de uma ação, não importa onde ela está sendo desenvolvida. O que é de suma importância é que essa ação praticada seja para um devido crescimento. Deve haver uma conexão de *interesse* entre o indivíduo e a atividade a ser realizada. Nesse caso, como já existe uma conexão entre indivíduo e atividade, não é necessário uma motivação externa, portanto, o *interesse* verdadeiro está relacionado com o desenvolvimento do indivíduo, e deste modo passa a ser uma característica educativa (ROCHA, 2011, p. 116).

Falando em educação e em *interesse,* Dewey nos apresenta três aspectos de *interesse:* primeiro, *interesse* enquanto atividade física do bebê; o segundo, *interesse* enquanto trabalho construtivo de crianças, jovens e adultos; e o terceiro e último, *interesse* intelectual. Observa-se que uma atividade envolve os três tipos de *interesse,* principalmente quando desenvolve crescimento na educação do indivíduo. É importante lembrar que, pelo fato do ser humano ser um animal racional, isso facilita a aprendizagem através de uma atividade física e um valor intelectual, pois há uma ligação que possibilita o significado dos gestos com a compreensão do intelecto (ROCHA, 2011, p. 120).

Em relação ao *interesse* intelectual deve existir uma relação entre o aluno que se coloca como aprendiz e o processo de aprendizado. Ambos podem construir uma forma de aprendizado baseado na reflexão e não somente valorizar apenas o produto de aprendizado, tornando o objeto como algo que não transmite nenhum tipo de reflexão, ou seja, aprender por aprender. Nesse sentido a criança não deve ser estimulada sempre com objetos externos, mas instigada a pensar e refletir para chegar a um crescimento maior e a uma compreensão do objeto sem necessitar de determinados vícios (ROCHA, 2011, p. 121-122).

Um outro olhar em relação ao *interesse* é um olhar voltado para o professor. Afinal, somente o aluno deve ter *interesse*? Devemos nos voltar para esse profissional que também tem uma função importante no aprendizado do aluno. O *interesse* do professor exige um conhecimento apurado e está ligado a ideia de sociedade que ele tem. É a partir da concepção de sociedade que o professor vai criar uma relação com o aluno e a forma de como ajudá-lo a superar determinadas situações, tudo isso vai depender da posição que o professor tem em relação a sociedade.

O professor no nível social deve ter o *interesse* de perceber como ele se vê diante da sociedade e qual a sua importância. Isso contribui e muito para o aprendizado do aluno, pois o professor deve buscar sempre novos conhecimentos para ajudar no desempenho de sua função. A

forma como ele enxerga sua profissão facilitará a realização do seu trabalho e ajudará em suas posturas em sala de aula.

No aspecto psicológico e social, é de grande valia que o professor se qualifique cada vez mais. Vale salientar que o professor que se preocupa, não só com o ensinar, mas com o seu próprio aprendizado, não para, não atrofia.

Também devemos lembrar que é costume de muitos relacionar salário e educação, alegando que aquilo que o professor ganha é insuficiente para que ele ofereça uma educação de qualidade. No entanto, dentro do processo de ensino, isso não pode interferir, apesar de ter a sua real importância. Porém, atrelar somente a isso significa que é a visão de mundo, de homem que o professor tem e isso prejudicará o ensinar e o aprender (ROCHA, 2011, p. 125-127).

Em relação a atividades sociais, a criança também tem *interesses* intensos, o fato de dependências, de observar posições desperta na criança o desejo de criar intimas relações com outras pessoas. Essas relações podem ser imitação, simpatia ou amor de aprovação.

> O contato das crianças com outras pessoas participa, além disso, de um caráter especial de continuidade. Praticamente não há, aliás, atividades infantil que seja isolada. As suas atividades acham-se tão ligadas com as dos outros, e o que os outros fazem as atingem profundamente e por tantos lados, que somente em raros momentos, em conflitos de vontade, por exemplo, é que uma criança traça uma linha divisória entre os negócios dos outros como inteiramente alheios e os próprios como exclusivamente seus (DEWEY,1985, p.187).

Nesse sentido, a criança se sente tão ligada às pessoas e suas atividades que somente em alguns casos consegue definir o que ela classifica como dela e o que classifica como sendo do outro.

Quanto aos estudos geralmente as crianças sentem repulsa pelos estudos intelectuais, porque, para elas, soam como algo estranho, isolado do seu mundo, principalmente da forma como é apresentada. Nesse caso, em se tratando de intelectualidade para a criança, os assuntos devem ser apresentados de forma clara e objetiva, de uma maneira que envolva a realidade, fazendo com que a criança consiga captar o assunto e trazê-lo para o seu mundo.

As crianças, quando começam estudar, vão com *interesse* social, com ansiedade de saber como se dá a relação entre pessoas que vivem distante e que são estranhas umas para outras. O problema é que toda essa ansiedade e *interesse* é barrada porque simplesmente dão a elas apenas definições, classificações. Isso faz com que a criança crie bloqueios pelo fato que ela foi atirada para um mundo no qual não está pronta para compreender (DEWEY, 1985, p. 188).

Diante do tema *interesse* cabe a pergunta: Que contribuição o *interesse* tem para pedagogia? Observa-se que, ao falar de *interesse*, Dewey não separa a "concepção interna da mente" da "concepção externa da matéria ou objeto". É importante lembrar que o interesse surge

com a apreensão do objeto quando este desenvolve uma reflexão intelectual. "O espirito não pode existir separado de atividades, inteligentes de atividades que tenham sentido que se torne um dos fatores do desenvolvimento" (DEWEY, 1985, p. 190).

A mente é um elemento medido muitas vezes justamente pela capacidade que ela tem de abstrair, por isso é um critério para avaliar e julgar.

> Mas, por outro lado, quando a abstração seja falsamente considerada, não há maior mal que infeste a educação. Esse conceito de abstração prende-se à ideia de considerar a atividade mental como qualquer coisa que marche inteiramente por si mesma, à parte do mundo exterior de coisas e pessoas (DEWEY, 1985, p. 190).

Quando a abstração é feita de maneira errônea, existe na educação um mal, pois a ideia de abstração acaba assumindo uma posição, como uma ação que funciona sem qualquer necessidade de um objeto exterior, ou a informação do objeto apresentado não é captada direito pela mente e o poder de abstração.

A apresentação do objeto à inteligência tem como objetivo a oportunidade da mente de se exercitar, refletir por si só. Em geral, os estudos formam um mundo isolado pelo fato dos alunos, como seres humanos, viverem, agirem e sofrerem. Ou seja, a falta de "*interesse*" é consequência desse mundo porque, em tese, o homem é avesso aos estudos e tornam-se indiferentes ao que se trata de interesse da inteligência. *Interesse* não é algo que se procura, pelo contrário, é algo que se promove através de condições propostas que aparecem naturalmente, portanto, a mente aceita aquilo que deve ser.

1.2 Esforço

Podemos observar que *esforço* na educação é algo que vai além de uma simples atividade. Para Dewey esforço pode ser classificado ou definido como um exercício de persistência, continuidade, algo que leve a um desenvolvimento ou, até mesmo, a um conhecimento maior. É importante lembrar que *esforço* está ligado a uma ação, seja física ou mental, e que essa ação a ser desenvolvida requer tempo e dedicação. É necessário saber que isso exigirá do sujeito bom senso, saber que quando existe *esforço* existe uma finalidade. Dewey define ainda mais o seu conceito de *esforço* "O princípio que desejamos assentar é que o *esforço* não tem significação como simples esforço, mas pela relação como uma atividade cujo progresso ele promove. Tudo dependerá do fim a ser atingido" (DEWEY, 1985, p.172).

Um fato importante a ser ressaltado é que *esforço* pode trazer situações de aborrecimento e desejo, dois sentimentos que podem ser influenciados um pelo outro a partir do *esforço*, segundo John Dewey.

> Quando uma atividade persiste a despeito de um obstáculo temporário, há uma situação de tensão mental uma situação curiosa a nos solicitar e a manter a atividade, em que pesem as interrupções ou dificuldades, e isso nos alimenta o desejo. O obstáculo, por sua vez no grau em que obstrui a marcha da ação, tende a dirigí-la para outros caminhos, a separá-la do fim originário, provocando assim a nossa aversão. Esforço, no seu aspecto mental, é exatamente isso: uma combinação peculiar de tendências em conflitos, desejo e aborrecimento (DEWEY, 1985, p. 172).

Quando falamos de tensão mental falamos de uma relação entre *esforço* e pensamento. Nesse caso, em relação a uma criança que se encontra em apuros, para se livrar de um objeto não desejável que exige força física e mental, ela sente a necessidade de raciocinar. A criança vai buscar meios para se livrar desse obstáculo que encontra no seu caminho, através de uma reflexão. Daí se entende que, quando é percebido que só o esforço físico não é suficiente para retirar esse obstáculo, é preciso se esforçar racionalmente para chegar a uma outra forma de livrar-se do objeto. É preciso um *esforço* que se volte para uma finalidade através de uma medida reflexiva, se utilizando e gastando energia de uma outra forma (DEWEY, 1985, p. 173).

No pensamento de Dewey é existente uma divisão de atenção, salientando que *esforço* não é algo de fora para dentro, mas hábitos que envolvem moral e intelectualidade, e que impulsionam uma pessoa a agir. "O *esforço* não pode ser tido como castigo, pena, sacrifício, mas relacionado a um progresso por ele promovido em acordo com o fim que se pretende atingir" (ROCHA, 2011, p. 117). O *esforço* exagerado pode trazer danos para a vida do sujeito, como já sabemos.

Enfatizando mais um pouco sobre a definição que Dewey dá referente *esforço,* alega que é uma resistência e tem um determinado fim. Esse pode criar estímulo e energia. Ressaltamos que o *esforço* não é educativo quando a inteligência não é propiciada. Todo *esforço* deve trazer conhecimento, seja através da experiência ou intelectualidade. Dentro da sala de aula, o aluno deve encontrar exercícios, tarefas que levem a uma reflexão mesmo com *esforço.* Essa tarefa não pode ser tão difícil a ponto que desestimule o aluno e bloqueie determinados exercícios (ROCHA, 2011, p.117-118).

Uma criança que fizer uma tarefa como simples empreendimento não obterá enriquecimento para sua intelectualidade. Não pode ser uma tarefa alheia sem qualquer envolvimento com o intelecto, caso isso aconteça, será apenas uma tarefa não educativa. Pelo contrário, a tarefa tem como principal objetivo trazer estímulo para uma reflexão, partindo de um *esforço* no interior. Essa reflexão deve ser consciência da finalidade daquela tarefa e os meios para a realização da mesma.

Ainda observando a realização de uma tarefa sem estimulo para reflexão, apenas vale ressaltar que se torna deseducativa pelo simples fato de prender, sufocar a intelectualidade,

UFPI - BIBLIOTECA
13069 09/10/19

tornando a criança, o jovem ou o adulto um ser estúpido, incapaz de encontrar um sentido na realização de sua tarefa, dependentes de meios exteriores, meras pessoas induzidas a receber recompensa por determinada ação (DEWEY, 1985, p. 174).

Olhando os critérios a serem aplicados, observa-se que o professor tem duas situações difíceis, uma da tarefa que a criança está realizando ser fácil demais a ponto de não trazer nem um estímulo de reflexão para ela, fazendo com que essa criança crie um mundo de fantasia. Outro problema pode ocorrer quando a criança fizer tarefas difíceis e não encontrar meios para a realização de tal tarefa, portanto, um ponto importante que o professor deve se questionar: até que ponto a tarefa a ser passada para a criança pode trazer um estimulo para a intelectualidade dela, fazendo com que realize a ação saindo do mundo da fantasia e encontrando estimulo para o raciocínio? Essa situação exige do professor uma análise, simpatia e intelectualidade para resolver tal situação (DEWEY, 1985, p.175).

Para Dewey o ensino considerado bom, deve estimular o aluno a ter iniciativas levando em consideração o que ele já tem.

> Por outras palavras, ensinar bem é ensinar para as capacidades que o aluno já possui, dando-lhe, do mesmo passo, tanto material novo quanto seja necessário para que ele reconstrua aquelas capacidades em nova direção, reconstrução que exige pensamento, isto é, esforço inteligente. Em todos os casos, a significação educativa do esforço reside no seu poder de estimulação de maior soma de reflexão e pensamento, e não na maior tensão física que possa exigir (DEWEY,1985, p. 176).

É de grande valia considerar o que o aluno já tem, dando sempre oportunidade de qualificar cada vez mais sua capacidade, inclusive em nova direção a partir de reflexões, baseado no *esforço* não só físico, mas estimulando seu pensamento. Uma educação estimulada dá uma visão diferenciada. Na visão de educação, o *esforço* transmite uma atividade baseada na reflexão. Feito de forma consciente é um sinal de transformação.

É de se observar que quanto maior a dificuldade, maior a persistência no *esforço* para se chegar ao objetivo final. Lembrando que o *esforço* que aqui se trata está ligado ao *interesse,* pelo fato de despertar a uma finalidade de uma atividade, ou seja, a forma como se chegar a consideração final da sua realização. O educador que consegue ter a visão de dificuldade e *esforço* como uma forma de crescimento do seu aluno saberá que ele conseguiu ter conhecimento com largueza e que não andará distante de bons resultados (DEWEY, 1985, p. 176-177).

É importante perceber o fato de que, na realização de atividades na escola, alguns exercícios que exigem mais do aluno e que são demasiadamente difíceis, tornam-se fáceis. Nesse caso, o aluno busca soluções que são consideradas incorretas na área do ensino, principalmente se o professor for hábil, o aluno terá mais dificuldade em acompanhar o raciocínio do professor caso

esse insista em exercícios difíceis. Nesse sentido, a única solução que o aluno encontrará é o da famosa cola ou pesca. Tudo isso acontece porque o aluno não encontrou *interesse* e nem motivação na aula para se esforçar a compreender, pelo contrário, só encontrou razões para deixá-lo deprimido.

O *esforço* necessita de uma ligação com o *interesse*. É impossível separa-los, no entanto, esse *interesse* ligado ao *esforço* é um *interesse* conhecido como impuro, onde necessita de uma recompensa, como o medo do professor ou a esperança de receber algo em troca. É comum haver alunos que se esforçam para obter boas notas, mesmo que não apreciem a disciplina estudada. Observa então, que tipo de i*nteresse* existe por trás desse *esforço* (ROSA, 2010).

Pode-se avaliar esse elo intrínseco que existe entre *esforço* e *interesse* como um desenvolvimento de atividade, tendo como base o fato de que nem tudo na vida é interessante, o que leva a considerar o esforço como resolução de problema (ROCHA, 2011, p. 116).

2. QUAL É A PROPOSTA OU TEORIA QUE JOHN DEWEY FORMULA PARA EDUCAÇÃO?

Para se falar da proposta ou teoria formulada por John Dewey na área educacional, é importante ter um conhecimento sobre o que ele chama de Escola Nova. Na teoria, se utiliza mais termo progressivo pelo fato de passar a ideia de estar sempre em mudança, e principalmente, desenvolvimento. O próprio nome já indica progresso. Pode-se assim falar de uma escola transformada onde a finalidade da instituição é ter medidas, meio e fins para chegar ao destino.

Na educação ocorrem mudanças, semelhante a outras áreas, como a medicina e a física. Ela está sempre buscando novos horizontes, e essa busca se dá através de meios e fins que só se distinguem mentalmente. Para ser reconhecido como fins é preciso que seja explicado para que surja dessa explicação um meio, e que, portanto, esse meio é conhecido como "fração de fins".

De fato, é importante ter em mente que não são os fins que mudam, mas a forma ou recursos que utilizamos para se ter um conhecimento aprofundado, com mais precisão. Na educação não se pode ter uma reconstrução ou mudança com eficácia objetiva, pois as ciências não estão desenvolvidas totalmente e se mostram de forma incompleta, a ponto de não ser possível unir todas as inteligências.

Existem divergências e confusões inevitáveis devido às transformações que também são inevitáveis, mas que devido a precariedade não se tem elementos suficientes para se ter com clareza e integridade caminhos do processo, ou seja, do movimento que circula ao redor da escola. "Transforma-se a sociedade nos seus aspectos econômicos e sociais, graças ao desenvolvimento da ciência, e com ela se transforma a escola, instituição fundamental que lhe serve, aos mesmo tempo, de base para sua estabilidade, como de pontos de apoio para sua projeção" (DEWEY, 1967, p. 27).

O desenvolvimento da ciência traz consigo grande benefício para a sociedade, tanto no que envolve a economia como no social. A escola não fica de fora, pois ao mesmo tempo que se beneficia da ciência, torna-se também base de estabilidade para um futuro projetado. (DEWEY, 1967, p. 26-27).

Com o desenvolvimento da ciência, o homem poderá resolver um problema antigo que é o da submissão, medo, desconfiança na natureza do próprio homem. Nesse caso será substituído pelo otimismo, segurança e coragem de enfrentar a vida, baseado no método experimental com a infalibilidade do pensamento humano. (DEWEY, 1976, p. 31).

A ciência deve tornar-se uma atitude espiritual na vida do homem, trazendo para ele neste m mundo um benefício de bem estar. O homem tem a responsabilidade de mudar por completo a

ordem tradicional, passando então a ser independente. A escola nova toma isso como objetivo. Ela tem a finalidade de preparar o homem para ser um ser pensante, e que, por si, seja uma pessoa de ordem social, intelectual e industrial, diferente das escolas tradicionais que transmitiam conhecimentos dogmáticos, que já eram repassados pela família, mas que consistiam apenas em obedecer, seguir normas sem muitas reflexões. (DEWEY, 1967, p. 33-36).

Precisamos reorganizar a escola, saímos do tradicional e dar uma nova vida para o ambiente escolar. Para isso é necessário que a criança vivencie integralmente esse momento onde ela aprenderá hábitos morais e sociais para viver em um mundo mais dinâmico, cheio de diversidade, e assim ser feliz e integrado na sua realidade.

Nesse aspecto, o ensino na escola deve ir além de simples conteúdo de matéria, ensinar a criança a ser uma pessoa com capacidade de enfrentar os desafios que a vida lhe oferecer. Isso só vai acontecer a partir de situações reais. Esses fatos são indispensáveis em um tempo moderno, são atitudes sociais.

Um ponto importante a ser ressaltado é a prática da democracia, onde o indivíduo tem consciência social e conta com a participação do outro. No ambiente escolar a democracia começa com duas pessoas importantes na escola, o professor e o aluno, que têm a oportunidade de vivenciarem e terem uma direção própria e uma responsabilidade, inclusive na vida econômica. (DEWEY, 1967, p.39-40)

> Segundo Dewey, como democracia é acima de tudo o modo moral da vida do homem moderno, a sua ética social, a criança deve ganhar através da escola esse sentido de independência e direção, que lhe permite viver com outros com a máxima tolerância, sem entretanto, perder a personalidade. Devemos ter sempre presente que a escola não vai dar soluções já feitas á nossa juventude. Tudo que podemos fazer é dar-lhe método e juízo, para lutar com os problemas que vai encontrar, e o sentido da responsabilidade social que lhe assiste na solução desses problemas. (DEWEY, 1967, p.41)

Na teoria de Dewey, a escola jamais deve dar respostas prontas para o aluno, mas métodos capazes de fazer com que ele mesmo consiga desenvolver respostas que servirão como ponto de apoio por toda sua vida. É um conhecimento que não está limitado a perguntas e respostas prontas, mas a reflexões ousadas, criando assim uma responsabilidade social, fazendo com que o aluno se sinta independente e democrático.

Falar de "escola nova" e democracia em Dewey requer também falar de experiência, mas especificamente na educação. Um fato que deve ser observado é que, nas escolas tradicionais, os jovens alunos também passaram por experiências, no entanto, o que deve ser ressaltado aqui não é a falta de experiências, mas o caráter dessas experiências transmitidas para os alunos, que de

alguma forma são repassadas defeituosas e sem uma ligação com futuras experiências. (DEWEY,1979, p.16).

A experiência tem uma grande importância na filosofia de John Dewey. Em sala de aula observaremos uma experiência amadurecida que é a figura do professor. Ele tem a capacidade de fazer uma avaliação do jovem que tem uma experiência menos amadurecida em relação a ele. Nesse caso, o mestre tem como tarefa acompanhar o aluno e ver que rumo a experiência dele está tomando, que caminho está seguindo, lembrando que toda experiência humana é uma ação social. Requer a consciência de que moralmente a pessoa com mais experiência não pode recusar a compreender as ações dos mais jovens.

No entanto, deve-se ter em mente que compreender não é o mesmo que aceitar. O adulto deve ter o discernimento de saber, como julgar as atitudes dos mais novos e observar se essas atitudes estão levando o jovem a um crescimento constante ou lhes impedindo de crescer. A experiência não é algo individual, independente de fatores externos ou algo que fique somente no subconsciente da pessoa. Toda experiência tem seu lado ativo que passa de alguma maneira a situações objetivas em que as experiências se passam.

Aqui queremos dizer que as condições objetivas influenciam, no entanto, não é a mesma coisa de dizer que elas determinam. Existe sim a influência pelo fato de sermos pessoas pertencentes a uma cultura. (ROCHA,2011, p.61).

Em se tratando de experiência educativa, Dewey afirma:

> A experiência educativa é, pois essa experiência inteligente em que participa o pensamento, através do qual se vêm a perceber relações e continuidades antes não percebidas. Todas as vezes que a experiência for assim reflexiva, isto é, que atentarmos no antes e no depois do seu processo, a aquisição de novos conhecimentos, ou conhecimentos mais extensos do que antes, será um dos seus resultados naturais. (DEWEY,1985, p. 116).

A experiência tem a capacidade de envolver o pensamento em sua praticidade, ou seja, é importante a reflexão na medida em que se pratica a experiência e cria uma relação de conhecimento. Essa é a finalidade de se ter uma experiência educativa que traga benefício extensivo para quem a prática. Esse processo de conhecimento deve acontecer naturalmente, inclusive baseado no antes e depois da experiência. (DEWEY, 1985,p116).

2.1 A influência da escola nova no Brasil

A escola nova teve seu início no Brasil com o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, em 1932. Depois de grandes revoluções políticas, o país sofreu grandes resistências por parte

das escolas tradicionais que detinham a liderança da pedagogia na educação brasileira. Grandes influenciadores do pensamento de John Dewey no Brasil foram Lourenço Filho, Anísio Teixeira e Fernando Azevedo.

Logo após a proibição do tráfico de escravos, no ano de 1850, o movimento liberal retomou suas campanhas abolicionistas, também começou a crescer a urbanização no Brasil, por volta do ano de 1853 por decreto do Imperador com a lei da terra, nesse mesmo ano. Foi em 1884 que Rui Barbosa viu a necessidade de haver mudanças no cenário escolar, em particular no primário. Com o desenvolvimento das indústrias, que passaram a exigir dos governos mão de obra mais qualificada, surgem novas reformas. Também aparece grupos de homens preocupados com a educação no Brasil e que buscaram respostas para solucionar problemas educacionais no país, como é o caso de Anísio Teixeira e Lourenço Filho, que durante uma viagem aos Estados Unidos entraram em contato com o pensamento de John Dewey. Aparece então o movimento escolanovista no Brasil.

Em 1931, o então presidente Getúlio Vargas, juntamente com o ministro da educação e saúde, Francisco Campos, comparecem à IV Conferência sobre educação, no Rio de Janeiro. Nesta ocasião, pede ao grupo de educadores diretrizes para uma educação pública a nível nacional. (BEVILAQUA, 2014, p. 08).

O manifesto dos Pioneiros da educação nova, também teve seus problemas:

> Pois, se os uniam (os membros do movimento pela escola nova) a atividade profissional, a luta pelas reformas e como solucionar o problema; por outro, desuniam-nos os matizes de pensamentos sobre o problema educacional, as soluções para o mesmo e quem lideraria a execução desta. Com o manifesto, a divisão se simplifica: reformadores, liderados pelos escolanovistas, de um lado, e os conservadores católicos e integralistas, do outro. (BEVILAQUA, 2014, p. 09).

É percebível que por um lado o manifesto queria reformas e solucionar problemas na educação. Já por outro, a diferença de pensamento educacional era manifesta. Surge então a pergunta: quem lideraria esta nova reforma? Com o aparecimento do manifesto, cria-se uma divisão simplificada, na qual os que pertenciam a escolanovista estavam de um lado, e os católicos, conservadores e integralistas do outro.

No entanto se simplifica em um dos lados a divisão até mesmo de compreender a correlação existente entre forças que decidirá o seguimento das reformas na educação no período do governo de Vargas. Em outra perspectiva mais complicada fica a compreensão do objetivo do manifesto, em se tratando de teorias para se obter a união de correntes ideológicas, ou seja, democráticas, nacionalistas, socialistas, comunistas, etc.

O objetivo da escola nova era ser uma mudança na renovação pedagógica-didática de cunho técnico, buscando implantar na prática de educação e, de modo particular na organização escolar e na maneira de ensino, a finalidade dos estudos das ciências do comportamento. O mais importante é que, na prática, traz intrínseco uma visão de mundo e de homem, principalmente porque se tem uma concepção filosófica.

O sistema pedagógico e os princípios didáticos recomendados pela escola nova, tinham como modelo as seguintes ideias:

Tanto a pedagogia como a didática devem buscar desgarrar-se do empirismo e do cotidiano, aderindo atitudes críticas e dinâmica de investigação e reflexão, sempre procurando melhorar cada vez mais a sua prática. Logo, isso significa tanto no seu objetivo final como na forma ou meios com que vai acontecer.

É importante saber que tanto a pedagogia como a didática tem como se basear em estudos feitos pela ciência, que servem de análise do comportamento. A partir dessa visão de comportamento, o que resta é colocar em prática o que a biologia, a sociologia e, em modo especial, a psicologia tem a oferecer na área de ciências humanas.

Um passo importante para a educação é que, tanto de modo geral como particular, deve existir o respeito pelas diferenças individuais de aprendizagem no requisito do desempenho infantil, até mesmo no que se trata do físico, cognitivo, afetivo e social.

O processo educativo deve levar em conta as necessidades e interesses particulares de cada indivíduo, principalmente no que diz respeito às suas fases de desenvolvimento, suas atividades naturais e sua espontaneidade, como brincadeiras, etc.

O aprender é uma forma dinâmica que depende, e muito, da atividade mental do aprendiz, e que se dá através da mobilização de seus pensamentos. Nesse sentido, é de suma importância que o ensino desenvolva uma ação mental no aluno, fazendo com que ele observe, se abra para pesquisas, perguntas e experiências e consiga resolver situações problemáticas. Diferentemente do ensino tradicional, que tinha o aluno como um agente passivo, sem mobilidade, como aquele que apenas deve receber a ação, a escola nova busca a participação do aluno fazendo com que ele se torne um participante na dinâmica do ensino, ou seja, ela valoriza métodos ativos na aprendizagem do aluno.

Outro fato importante na escola nova é o fato de que ela valoriza o trabalho manual, dando a ele sua importância na aprendizagem do aluno tanto quanto o intelectual. Nesse caso, o trabalho manual cria interesses infantis, despertando observação, capacidade e até mesmo o espirito inventivo que o aluno tem dentro de si.

O ensino deve colocar o educando como centro, dando a devida importância ao seu desenvolvimento mental, como por exemplo, a capacidade de observação, hipóteses, espirito critico, ao invés de simplesmente memorizar conhecimentos sem nenhuma ligação com o cotidiano do aluno. É com o despertar do processo mental que o aluno chega a um conhecimento mais significativo, mais apurado.

Como já foi falado antes, no primeiro capítulo, a escola deve levar em consideração a situação de vida do aluno, no requisito de sua condição social e cultural, pois esses requisitos influenciam no aprendizado do aluno. Compete ao professor entender a ligação existente entre o indivíduo e o grupo no qual ele pertence. A escola deve priorizar a prática de relações humanas, ou seja, a união e a cooperação mútua entre os indivíduos (HAIDT,2003,p.30-32).

No Brasil, destaca-se a presença do pedagogo, filosofo e educador Anísio Teixeira (1900-1971). Ele foi um grande propagador das ideias do pragmatista John Dewey no Brasil. Foi também um grande idealizador de experiências efetivas em 1950, com a criação do centro popular de educação, mais conhecida como Escola-Parque. A finalidade, de início, era desenvolver uma escola piloto que indistintamente pudesse atender crianças independentemente da sua classe social. O objetivo era acolher pelos menos 4 mil alunos em tempo integral. O projeto pretendia atender esses alunos desde sua alimentação, higiene, socialização até sua preparação para o mercado de trabalho.

Anízio Teixeira não parou por ai. Juntamente com Darci Ribeiro, participou da instalação da Universidade de Brasília, sem contar que influenciou em inúmeras reformas educacionais. Anísio Teixeira foi um grande pensador da história do Brasil, e se amparou na filosofia da educação. Embora Anísio Teixeira tivesse grande influência do pensamento de John Dewey, ele preferiu o termo escola progressiva ao invés de escola nova, apesar de escola nova ter sido consagrada pelo movimento escolanovista. Na visão de Anísio Teixeira os princípios da escola tradicional necessitavam de mudanças na didática a partir da escola progressiva.

Nesse sentido "Se para ele é positivo a necessidade de nos apropriarmos dos conhecimento científicos e dos valores construídos pela sociedade, critica, porém, a maneira pela qual esse processo ocorre nas escola tradicionais por meio de memorização e repetição de um saber acabado", (ARANHA, 2006, p. 229) ele alega que é preciso mostrar condições ao aluno para ele desenvolver e ter atitudes cientificas que possibilitem a aprendizagem por si mesmos.

Anísio Teixeira defende que a escola deveria proporcionar projetos que levem à reflexão e atividades participativas e a uma autonomia que progrida e crie no educando responsabilidade.

2.2 O pragmatismo na educação de John Dewey

Contrapondo ao idealismo que defendia o conhecimento contemplativo, ou melhor, teórico, surge uma nova linha que é o pragmatismo. Ele tem origem na palavra grega *pragma,* que significa "ação" ou "prática". Basta o significado para sabermos ou ter a ideia do que se trata essa linha de pensamento.

Mas antes mesmo de falarmos propriamente do assunto analisaremos por quem essa expressão foi usada. Foram os filósofos norte-americanos Charles Peirce e William James que fizeram uso da expressão para defenderem suas ideias, sendo que foi Charles Peirce quem primeiro se utilizou do termo.

A linha do pragmatismo rejeita o "sistema fechado" com visões no absoluto. Eis ai a diferença, pois o pragmatismo volta seu olhar para os fatos concretos, atitudes e ações. Aqui as teorias não são mais vistas como respostas ou soluções para os problemas humanos. Elas tornam-se instrumentos e não mais estabelece a verdade pronta e absoluta, mas pelo contrário, esta sempre se renova.

> Por isso uma proposição é verdadeira quando "funciona", quando permite que nos orientemos na realidade, levando-nos de uma experiência a outra. Portanto, nada é estável, tudo se encontra em constante movimento. Ao reduzir o verdadeiro ao útil, o pragmatista não visa apenas a satisfação das necessidades materiais, mas ao desenvolvimento humano, integral e da sociedade. (ARANHA, 2006, p. 227).

Só é considerada verdadeira uma proposição, ou seja, um conteúdo quando este de fato funciona, ou melhor quando nos proporciona através da realidade e nos leva de uma experiência a outra. Se entende que nada permanece o mesmo, tudo está em pleno movimento. Vale salientar que, quando o pragmatismo reduz o verdadeiro ao útil, ele dá um foco que vai além da satisfação das necessidades materiais, ele visa fazer com que o humano seja integral no meio da sociedade e tenha uma relação maior e mais ampla, principalmente no conhecimento.

Para se compreender o pragmatismo na filosofia de John Dewey, é preciso pelo menos ter uma pequena noção do que defendiam os filósofos que discutiram o tema do pragmatismo antes dele. Nesse caso o primeiro foi Charles Sanders Peirce, considerado o fundador do pragmatismo.

Peirce faz uma abordagem semiótica para dizer que a verdade deve ser vista a partir da correspondência e coerência existente nos fatos e nas crenças. Aquilo que acreditamos e os fatos que se realizam devem ter uma ligação que corresponda a uma verdade e essa verdade é tirada exatamente dos fatos e crenças. Em meio à filosofia que é marcada pelo agnosticismo, o pragmatismo se coloca contra a metafísica existente, busca vê a metafísica através de um olhar científico. Peirce não tinha como objetivo criar uma nova metafísica, apenas considerava o

pragmatismo como auxílio para se chegar a uma compreensão filosófica e à ciência. O intuito era criar uma forma que acalmasse as disputas metafisicas.

Com o pragmatismo, foi desenvolvido o pensamento de que a metafisica ficaria mais clara quando de fato os filósofos colocassem em prática a medida dos efeitos para se ter toda a ideia do objeto. Surgiu então a expectativa da formulação peirciana de colocar um fim às grandes disputas filosóficas em que as observações dos fatos não podem tomar decisão e que cada parte pode outorgar que a outra parte está errada. (NASCIMENTO, 2011, p. 44).

Peirce buscou mostrar através de sua máxima pragmática uma forma ou um método para definir o significado de nossos conceitos, que tão bem foi defendido em ensaios filosóficos, como por exemplo: *A fixação das crenças* (1877) e *Como tomar claras nossas ideias* (1878). (NASCIMENTO, 2011, p. 46). Peirce dá uma caracterização do seu pragmatismo em dois pontos de suma importância: na primeira define o pragmatismo metodológico, que é praticamente uma teoria do significado; e na segunda o pragmatismo metafisico fica como a teoria da verdade e da realidade. (NASCIMENTO, 2011. P. 47).

Um outro autor que também se debruçou sobre as ideias do pragmatismo foi o filósofo William James. Ele buscou ampliar o significado da verdade, trazendo para essa linha do pragmatismo a doutrina do humanismo, que ele definiu como a condição de verdade, correspondente ao que é vantajoso ao pensamento, ou melhor, àquilo que tem uma relação que satisfaça a realidade e, principalmente, crie um vínculo ao que é útil, ao prático.

> Em outras palavras, a verdade corresponde ao que é bom. A verdade deve ser útil se considerada em termos práticos, os seus efeitos são as sensações que devemos esperar e as reações que devemos preparar. O percurso intelectual de James vai dos estudos da fisiologia à psicologia, na qual escreveu sua obra principal Princípios da Psicologia (1890) e desta à filosofia. James é um autor importante para uma investigação sobre a obra de Dewey, pois são vários os aspectos do pragmatismo (NASCIMENTO, 2011, p. 47).

A verdade tem ligação com o que é bom e perfeito. Nesse sentido, a verdade colocada em prática deve ser algo vantajoso, que serve, ou melhor, que tem utilidade. O efeito deve ser as sensações de aguardar e as suas reações é de preparo. O caminho que James percorre é o da fisiologia à psicologia, na qual umas das principais obras é *Princípios da Psicologia.*

Para James, a filosofia pragmática consiste em ser uma via intermediaria entre duas linhas, o racionalismo e o empirismo. Ele tenta unir as divergências existentes entre elas. James vê a necessidade de uma filosofia que exercite tanto os poderes intelectuais como a busca de uma conexão com o mundo real. Dando ênfase que o pragmatismo consiste mais na tentativa de acalmar uma disputa metafisica que parece interminavelmente. (NASCIMENTO, 2011, p. 49).

Mas nosso foco principal, na verdade, em relação ao pragmatismo é o filósofo John Dewey, embora este não fizesse parte do clube metafisico de Cambridge. Nosso autor já era considerado um pragmata antes mesmo de aderir à filosofia pragmatista, devido a sua função de aplicar ação e à atividade dentro da sua filosofia da educação. Teve contato com o pragmatismo através do meio social e político devido seu grande engajamento com as funções comunitárias.

Podemos perceber que não existe uma separação epistemológica em relação à sua obra educacional e à sua filosofia. "Dewey articula as ações educacionais com os princípios filosóficos do pragmatismo". Ele vê a educação como um espaço onde podemos pôr a doutrina pragmatista, é o lugar onde se desenvolve a democracia, onde se aprende a pensar e a refletir. (NASCIMENTO, 2011, p. 51).

O legado de Dewey para tradição pragmatista é construído, pelo menos em sua maioria, através do engajamento em um grande programa de investigação, escrevendo e refletindo diversos tipos de temas, que vão da metafisica a questões políticas, sociais e educacionais, passando pela arte até a religião. Dewey teve grande parcela de contribuição para a solidificação do pragmatismo ao suplicar contra a postura dos dualismos da filosofia ocidental. Um dos principais traços de Dewey foi a sua opção pela antimetafisica. (NASCIMENTO, 2011, p. 52).

> A noção que Dewey oferece para superar os dualismo da filosofia tradicional tem como ferramenta principal a inteligência atuando no sentido de resolver problemas e fornecer sentido, num continuo fluxo da experiência. Com essa categoria ele reconhece a força vital que impulsiona os organismo na atividade de produção da vida. Portanto, influenciado pelos estudos do evolucionismo em particular pelos esquemas darwinistas, Dewey desenvolve seu projeto de reconstrução da filosofia com a finalidade de superar a noção clássica de uma racionalidade intrínseca às coisas e doadora de sentido. (NASCIMENTO,2011, p. 53).

Dewey apresenta uma noção para ultrapassar o dualismo existente da filosofia tradicional. Essa noção tem como base principal a inteligência exercida com o objetivo de resolver situações e dar um sentido, uma extensão com a experiência. Defendendo essa categoria, ele reconhece a importância essencial que incita os organismos na ação de produção da vida. É importante lembrar que Dewey sofreu influência do pensamento dos esquemas darwinistas. Foi com essa influência que ele criou seu projeto de reconstrução da filosofia, com o escopo de vencer a ideia clássica de uma racionalidade inerente às coisas e que doa um sentido.

Será com base na teoria da verdade de James que veremos uma identificação de alguns pontos no pragmatismo de Dewey, no qual busca fazer uma teoria da verdade ligada a suas maneiras de uso e a suas relações. Com a aderência de Dewey pela teoria de James, ele se aprofunda na experiência tomando junto as crenças que herdamos dos nossos antepassados unindo com as nossas. Essas experiências vão determinar "o que percebemos; o que percebemos determina o que

fazemos; e o que fazemos de novo determina o que experimentamos." (NASCIMENTO,2011, p. 54). Podemos perceber que existe uma continuidade de experiência, nesse caso com o passar do tempo vamos apenas acrescentando novas experiências em cima das que já temos.

Os filósofos pragmatistas se consideram criadores, pelo fato de acrescentarem pontos dentro da realidade. Ressaltamos que a preocupação desses pensadores é com a realidade, como ela é entendida, se tem características humanas e não fica no sensível ou suprassensível. Dewey, para se diferenciar do pensamento de James, ao invés de usar o termo pragmatismo, nomeou o seu pensamento de instrumentalismo, uma filosofia voltada para ação. (NASCIMENTO, 2011, p. 54).

> Por essa lógica, a verdade deve ser entendida como um acréscimo feito à realidade e não como uma mera cópia da mesma. Dewey argumenta que o conhecimento deriva de uma realidade complexa, marcada por conexões entre as coisas e entre o sujeito e as coisas. O conhecimento não pode mais ser visto como derivado de uma consciência ou de um sujeito representante. O conhecimento é uma ferramenta que tem vários usos, envolvendo o conjunto dos processos de investigação. (NASCIMENTO, 2011, p. 54).

Dewey vê a verdade como algo que contribui para o crescimento da realidade e não simplesmente como a cópia sem nada acrescentar. Alega que o conhecimento tem sua variação, que não possui uma clareza, mas é marcado por uma ligação existente entre as coisas e o sujeito. O conhecimento é uma arma que pode ser usada de diversas formas e que possui um envolvente processo de investigação.

Podemos analisar melhor o pragmatismo segundo o pensamento de Dewey no campo da educação. "Compreender essa relação entre pragmatismo e educação é, na verdade, a nosso ver, compreender um pouco de Dewey sobre a educação". (ROCHA, 2011, p. 42).

Somos conhecedores de que a escola para Dewey deve ser expressão do meio onde está inserida e que esta expõe os anseios, angustias, os valores e conquistas da realidade em que se encontra. Se apoderando de uma ideia democrática de escola e de ensino, em todos os aspectos, sejam eles negativos ou positivos, alega que devem ser partilhados por todos, inclusive na construção dessa escola. (ROCHA, 2011, p. 43).

No pragmatismo, Dewey falou de educação apesar de não ter formulado uma teoria propriamente sobre educação dentro do pragmatismo. Nesse sentido, o autor tem a filosofia como uma fonte de conhecimento que é capaz de desenvolver práticas e, principalmente, vê o homem chegar a conhecimentos maiores através da pratica que se relaciona com ações inteligentes.

A prática do pensamento inteligente surge através da ação inteligente. Chega-se então a uma ordenação lógica, onde a razão não é feita previamente. Para Dewey, a razão não passa de um ato, uma experiência. Compete à educação vincular o ensino à experiência particular que o aluno carrega consigo. Dewey considera a experiência como essencial no processo de aprendizagem, não

importa qual a natureza da educação. Ela é uma experiência que acontece, é um ensino, embora se deve distinguir a qualidade e a maneira da educação que seja capaz de mudar positivamente nos atos posteriores. (ARANTES, 2003, p. 9-10).

2.3 Caracterizar o pensamento de John Dewey no sistema educacional e suas práticas

No decorrer desse tópico é importante percebermos o que caracterizou o pensamento de John Dewey e quais foram suas práticas no sistema educacional. Isso pode ser percebido a partir da escola nova e a sua nova pedagogia. As novas ideias e as práticas educacionais deram um novo rumo, ou melhor, um novo sentido em relação a noção de educação integral.

Com o movimento reformador, já existente no início do século XX, já se pensava mais ainda no verdadeiro sentido da escola diante de uma sociedade de grandes massas, onde a industrialização só aumentava e a democratização exigia mudanças. Em uma visão ampla, a pedagogia da escola nova e sua reformulação partiu da ideia de valorizar a atividade ou experiência na vivencia do dia a dia.

A escola nova via a educação como vida, e não como planejamento para a vida, ou seja, foram diversos momentos que a formaram. Diversas experiências educacionais escolanovistas em várias partes do mundo já tinham traços básicos que constituía uma concepção de escola que desfrutava de educação integral.

Podíamos perceber a particularidade de cada escola e suas experiências, no entanto, o fator principal era a importância da articulação em relação a educação intelectual e a atividade criadora nas suas diversas formas, a vida social e comunitária na escola e a independência existente entre alunos e professores e, de modo geral, a formação universal da criança. (CAVALIERE,2002, p.251)

> As novas ideias em educação questionava o enfoque pedagógico até então centrado na tradição, na cultura intelectual e abstrata, na autoridade, na obediência, no esforço e na concorrência. Para os reformistas, a educação deveria assumir-se como fator constituinte de um mundo moderno e democrático, em torno do progresso, da liberdade, da iniciativa, da autodisciplina, do interesse e da cooperação. As reformas nas instituições escolares visavam à retomada da unidade entre aprendizagem e educação, rompida a partir do início da era moderna, pela própria escolarização, e busca religar a educação à "vida". (CAVALIERE, 2002, p. 252)

Ideias novas e questionamentos geralmente andam juntas, assim eram as novas ideias sobre educação que criavam indagação em relação a pedagogia tradicional, que estava centrada na cultura intelectual e abstrata, no autoritarismo, na obediência cega, no esforço e na concorrência. Na visão reformista, a educação deveria ser diferente, ter novos horizontes, ser constituinte da

modernidade e da democracia. Isso na verdade seria em torno do progresso e da liberdade o aluno teria iniciativa e autodisciplina e, principalmente, existiria o interesse da cooperação.

As novas ideias também envolviam o político-social que, na verdade, nascia como resposta à universalização e laicização da educação escolar, que foi conquistada na Europa e nos Estados Unidos. Com a finalidade de que a educação seja para todos, tem uma concretização que na visão da escola tradicional isso seria um abalo. No entanto, para a ciência, as ideias surgem como um avanço na biologia e na psicologia que concebe uma nova concepção de criança, da forma de aprender e de educação, tanto universal como escolar. (CAVALIERE, 2002, p. 252).

Na concepção pragmatista, em relação a educação integral, Dewey aborda a democracia como tema central no pensamento Deweyano. Para ele, a democracia é o que vence a divisão existente entre o indivíduo e o grupo, e favorece o crescimento da inteligência, já que toda ação reflexiva está sujeita a experiência de mudar o mundo concreto com base nas necessidades da vida humana. O contentamento das necessidades, mesmo sendo algo individual, se dá através da coletividade, na experiência. Assim nasce a finalidade de uma sociedade que dá liberdade ao indivíduo de viver em um espirito social. (CAVALIERE, 2002, p. 257).

Dewey alega que as instituições democráticas só existirão, com a firmeza com que de fato devem existir, se houver uma luta para que isso aconteça. Nesse caso é importante lembrar que devem ser organizados ambientes de uma forma que algumas características de um indivíduo ou da civilização permaneça, ou seja, não pode ser mudada completamente. No entanto, outras devem ser trabalhadas. O que implica nesse sentido é que determinados pensamentos tradicionais devem ser mudados para poder viver em um espirito cooperativo.

A democracia é um projeto, uma experiência que segundo a nossa análise é a melhor forma e vida. Dewey discorda do pensamento liberalista quando eles alegam que o homem deve viver sem qualquer restrição, que dessa forma eles emergirão os seus melhores sentimentos, instintos e assim poderão conduzir a vida democrática.

Em relação a esse pensamento, Dewey sustenta que a educação tem um papel de grande relevância na democracia, preservando determinados valores e incentivando a mudança de outros para contribuir com a democracia dentro de uma *polis*.

> Eis o motivo por que as proposições educacionais de John Dewey afastam-se terminantemente de pedagogias que não possuam fins claros e bem definidos para o processo educativo: é porque Dewey pretende contribuir para a edificação de um mundo melhor no presente e no futuro, mas este é um projeto que pode não se realizar, se não for meticulosamente planejado. Não há nada que garanta a democracia, a não ser o esforço daqueles que nela acreditam, esforço que inclui o desenvolvimento de processos realmente educativos na escola. (CUNHA, 2001, p. 383).

Podemos perceber que a pedagogia de Dewey se distancia de pedagogias que não tem uma clareza, uma definição concreta, ou seja, não conseguem ter uma finalidade. O autor tem a pretensão de contribuir com uma pedagogia que melhore a educação no mundo, não só no presente, mas que seja algo também para o futuro, no entanto, ele alerta que para esse projeto poder dar certo precisa ser bem articulado, planejado. Para garantir uma democracia só existe uma via, que é através do esforço dos indivíduos que acreditam, e este esforço está todo voltado no desenvolvimento da educação nas escolas.

Uma caracterização que Dewey dá à escola é que ela é um espaço planejado, onde se desenvolvem funções reguladas, o que, nesse caso, retira qualquer ligação com o ambiente formal com o ambiente informal, nesse caso resultaria em esvaziamento dos saberes que a escola tem como principal objetivo ensinar. Deixar o espirito infantil é fazer com que fique à vontade correndo o risco de ser influenciado por conhecimentos que são contrários, a escola tem como objetivo eliminar aspectos desvantajosos do lugar comum que tem uma grande importância sobre os hábitos mentais. (CUNHA,2001, p.384).

> No pensamento deweyano, portanto, não há lugar para a espontaneidade da criança, se aceitarmos a ideia de liberdade como sinônimo de passividade do educador diante dos desregramento do espirito infantil. Quando se dedica a interação entre professor e aluno, contato que se dá entre a sabedoria do primeiro e as inclinações naturais do segundo, Dewey não concede espaço senão para aquilo que tenha passados por crivo externo, o crivo de uma escola consciente planejada em sintonia com as necessidades de um mundo melhor, pois o que move a postulações Deweyano é o projeto político de construção de uma sociedade mais humanizada- a sociedade democrática. (CUNHA, 2001, p.385).

Dewey não quer aqui mostrar uma rigidez diante de uma fragilidade natural da criança, ele leva em conta a passividade do educador em mostrar meios para que a criança chegue a uma maturidade, a um conhecimento maior. O contato entre professor e aluno é o único espaço que deve existir a partir de um conhecimento maduro que antes já tenha passado por uma avaliação. Nesse caso, essa avaliação deve ser feita pela escola com plena convicção e sintonizada com um mundo melhor, mais educativo. O projeto político de Dewey é uma sociedade mais humana, uma sociedade onde a democracia é fundamentada.

3. CONCLUSÃO

O presente trabalho apresentou, a partir da obra "*Vida e educação*", uma visão acerca da teoria sobre a educação e, de modo enfatizado, sobre *interesse* e *esforço* na concepção do filósofo americano John Dewey, traduzida por Anízio Teixeira e publicada em 1930. Em relação à educação, o autor aponta que não deve haver uma separação entre vida e educação, não existe um mundo da educação e outro para receber o resultado dessa educação.

Para o pensador John Dewey, a educação anda de braços dados com a vida. Basta observar que a educação é uma necessidade para a vida social do ser humano. Dewey valoriza a educação direta formal em especial na infância, buscando o equilíbrio da educação tácita e não formal da vida e a educação recebida diretamente da escola. Ele não separa, pelo contrário, ele vê nas escolas a oportunidade de um ensino em que a criança possa ser preparada para a vida e não uma escola conteudista, mas um ensino baseado em fatos vivenciados em realidade pela sociedade.

A criança, ao ser preparada para vida, está sendo preparada para a democratização, que tem um fundamento muito importante. A democratização acontece com a renovação cultural que será alcançada através da educação.

Dentro da visão de educação que Dewey defende está incluso uma forma de se chegar a um conhecimento, uma teoria acerca do interesse. Um conhecimento que ele define como inato já existente no ser humano que é o que acompanha a identificação do "eu". Se já existe esse interesse, ele precisa ser colocado em prática porque todo interesse prende-se a um objeto. Nesse sentido, o objeto é apenas o sujeito a realizar algo já existente na sua mentalidade, o interesse é integrado ao objetivo.

Um outro ponto a ser tratado referente a uma forma de conhecimento ou de se chegar a um conhecimento é o esforço. Trata-se de uma resistência que o aluno tem em aprender determinados assuntos, e esse, por sua vez, deve se esforçar para chegar a um fim, mesmo, que não seja do seu interesse. O objetivo do esforço é chegar a um progresso, tudo dependerá do fim a ser atingido.

Um dos pontos culminantes da filosofia de John Dewey no que se refere a educação, é o desenvolvimento da escola nova. Dewey afirma que a escola jamais deverá dar respostas prontas para o aluno, mas sim métodos capazes de fazer com que ele consiga desenvolver respostas que servirão como ponto de apoio para toda sua vida, um conhecimento que não está limitado a perguntas e respostas prontas, mas a reflexões ousadas, criando uma responsabilidade social e democrática.

No Brasil a escola nova teve uma grande relevância a partir de Anízio Teixeira e Lourenço Filho, mais conhecida como escolanovista ou manifesto dos pioneiros da educação nova.

No contexto de educação, de forma mais a aprofundada, Dewey formula a teoria do pragmatismo e vê a verdade como algo que contribui para o crescimento da realidade e não simplesmente como uma cópia sem nada acrescentar. Nosso autor alega que o conhecimento tem sua variação, que não é ou não possui uma clareza, nesse caso é marcado por uma ligação existente entre as coisas e o sujeito. O conhecimento é uma arma que pode ser usada de diversas formas e que possui um envolvente processo de investigação.

As novas ideias também envolviam a político-social, que na verdade nascia como resposta à universalização e laicização da educação escolar que foi conquistada na Europa e nos Estados Unidos. Com a finalidade da educação de ser para todos tem sua concretização, o que causou um abalo na escola tradicional. No entanto, para a ciência, as ideias surgem como um avanço na biologia e na psicologia, que concebe uma nova concepção de criança, da forma de aprender, de educação tanto universal como escolar.

Essa pesquisa pode ser continuada e contribuir cada vez mais no meio intelectual, na área da pedagogia, filosofia, sociologia e outros. O tema mencionada, expõe formas de aprendizado que não são separadas da vida, do cotidiano do indivíduo e nem exclui a escola da sua função educadora, pelo contrário, a vida e a educação andam juntas, desenvolvendo um crescimento integral de cada pessoa, de cada aluno.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 2. ed. Trad. Alfredo Bossi. São Paulo: Mestre Jou, 1962.

ARANHA, Maria lúcia de arruda. **Filosofia da educação**. 4.ed. São Paulo. Ed. moderna. 2006.

ARANTES, Elianda Figueiredo. **Pragmatismo, experiência e educação em John Dewey.** Disponível em: <http://www.ceppes.org.br/revista/edicoes-anteriores/...escola-nova-no-brasil>. Acesso em: 21 de nov. de 2016.

BEVILAQUA, Aluisio Pampolla. **John Dewey e a escola nova no Brasil.** Disponível em: <www.ceppes.org.br/revista/...de...john-dewey-e-a-escola-nova-no-brasil/at.../file>. Acesso em: 18 de nov. de 20116.

CAVALIERE, Ana Maria Villela. **Educação integral uma nova identidade para a escola Brasileira.** Disponível em: <www.scielo.br/pdf/es/v23n81/13940.pdf>. Acesso em: 18 de nov. de 2016.

ROSA, Francieli Nunes. CONGRESSO INTERNACIONAL DE FILOSOFIA E EDUCAÇÃO, V., 2010. Rio Grande do Sul. Interesse e esforço: uma análise retórica de uma educação em transformação em Dewey. Rio Grande do Sul. 2010. 11p.

CUNHA, Marcus Vinicius. **John Dewey: Filosofia Política e Educação.** Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/10235/9618>. Acesso em: 23 de nov. de 2016.

DEWEY, John. **Vida e Educação**. Tradução e estudo preliminar por Anísio S. Teixeira. In:_____. Experiência e Natureza; Lógica: a teoria da investigação; A arte como experiência; Vida e Educação; teoria da vida moral. Traduções de Murilo Otávio Paes Leme. Anísio S. Teixeira, Leonidas Gontijo de Carvalho. 2. Ed. São Paulo: Abril cultural, 1985. (Os pensadores).

HAIDT, Regina Célia Cazaux. **Curso de didática geral**. 7.ed. São Paulo. Ed. ática, 2003.
MACHADO, João luís de almeida. **John Dewey e a Escola Ativa**. Disponível em: <http://www.planetaeducacao.com.br/portal/artigo.asp?artigo=447>. Acesso em: 23 de abr. de 2016.

NASCIMENTO, Edna Maria Magalhães. **Pragmatismo: Uma Filosofia da ação.** Disponível em: <http://www.gtpragmatismo.com.br/redescricoes/redescricoes/ano3_01/3_nascimento.pdf>. Acesso em:15 de nov. de 2016.

ROCHA, Eliezer Pedroso. **O princípio de continuidade e a relação entre interesse e esforço em Dewey**. 2011. 160f. Tese (Doutorado em Educação), Universidade de São Paulo, São Paulo. 2011.

TEIXEIRA, Anísio Spinola. **Pequena introdução à filosofia da educação**: a escola progressiva ou transformação da escola. 5.ed. São Paulo, Editora Nacional, 1967.

_____. **Experiência e educação**; tradução de Anísio Teixeira. 3.ed. São Paulo. Ed. Nacional, 1979.